



Evento: XXI Jornada de Extensão

## A IMPORTÂNCIA DE POLÍTICAS LINGUÍSTICAS VOLTADAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA COMO LÍNGUA ADICIONAL L<sup>1</sup>

### THE IMPORTANCE OF LANGUAGE POLICIES AIMED AT TEACHING PORTUGUESE LANGUAGE AS AN ADDITIONAL LANGUAGE

**Gabriela de Oliveira Zimmermann<sup>2</sup>, Fernanda Trein<sup>3</sup>, Rosita da Silva Santos<sup>4</sup>, Taíse Neves Possani<sup>5</sup>**

<sup>1</sup> PLA - Português como Língua adicional, projeto de extensão realizado na UNIJUÍ

<sup>2</sup> Bolsista do projeto de extensão Português como Língua Adicional, estudante do 8º semestre de Letras-Português e Inglês.

<sup>3</sup> Professora mestre do curso de Letras-Português e Inglês na UNIJUÍ.

<sup>4</sup> Professora doutora do curso de Letras-Português e Inglês na UNIJUÍ.

<sup>5</sup> Professora mestre do curso de Letras Português-Inglês na UNIJUÍ e coordenadora dos cursos de Licenciatura em Letras, História e Pedagogia da UNIJUÍ.

#### RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo destacar a importância da implantação de políticas linguísticas voltadas ao ensino de português como língua estrangeira e adicional no Brasil. Dessa maneira, destaca-se a experiência de implantação do PLA - Português como língua adicional como projeto de extensão na Unijuí, a fim de acolher alunos da graduação e de pós-graduação oriundos de países estrangeiros.

**Palavras-chave:** Português. Ensino. Políticas Linguísticas. Língua adicional. Língua estrangeira.

#### INTRODUÇÃO

Ao considerar a constituição do humano pela linguagem, falar de ensino de línguas é pensar em complexos aspectos inter-relacionados, isso porque a capacidade da linguagem só é possível em relação a um outro, isto é, a um meio cultural, a uma busca (coletiva ou particular) por uma identidade. Assim, a aprendizagem de uma língua adicional ou estrangeira depende de muitos fatores: do motivo pelo qual o falante deseja aprendê-la, do contexto social, étnico e cultural que o mesmo se encontra no momento da aprendizagem da língua e se a língua materna e a adicional/estrangeira do falante pertencem à mesma família linguística. Outro importante fator a ser considerado são as políticas linguísticas adotadas no ensino dessa língua (BARROS, 2021).

Sabemos que o ensino de línguas aqui no Brasil (inclusive o de língua portuguesa como língua materna) ainda está se dissociando da abordagem gramatical tradicional,



aproximando-se cada vez mais de uma abordagem sócio-interacionista e textual. Assim, percebemos esses avanços no ensino de línguas ainda lentos, especialmente na situação de língua adicional e/ou estrangeira.

Dessa forma, perante a implantação do PLA (Português como Língua Adicional) na UNIJUI, como projeto extensionista voltado para estudantes da instituição, com objetivo de internacionalização entre universidades e estudantes, o presente trabalho aborda a necessidade e importância do investimento em políticas linguísticas nessa área, a partir da experiência nesse projeto da universidade, tematizando sobre a aprendizagem de uma língua estrangeira.

## **METODOLOGIA**

O presente trabalho caracteriza-se como pesquisa científica aplicada, uma vez que seu objetivo é suscitar conhecimentos para aplicação prática, dirigida à solução de problemas específicos (GIL, 2008), no caso o ensino de Português como Língua Adicional. A abordagem utilizada é qualitativa, uma vez que os resultados não podem ser quantificáveis em números (PRODANOV; FREITAS, 2013), e nem pode ser esse o objetivo no caso do ensino de línguas no contexto abordado aqui. Ainda, os objetivos da pesquisa podem ser considerados exploratórios, pois parte-se da familiarização dos pesquisadores com o problema, buscando construir hipóteses para solucioná-lo (GIL, 2008) e aplicar no ensino de PLA.

Assim, a partir da demanda que surgiu na universidade, de acolher os alunos estrangeiros da graduação e pós-graduação e auxiliá-los em seus estudos, foi criado um projeto de extensão para o ensino de português, o que ainda é relativamente novo no país e exigiu que os atores desse processo pusessem-se a pesquisar sobre como fazer isso da forma mais adequada para o contexto em questão. Por isso, podemos dizer que utilizamos pesquisa científica aplicada, uma vez que buscamos soluções para nosso problema imediato. A partir de leituras, discussões no grupo de professores e bolsistas envolvidos, bem como participação em grupos de estudos, passou-se a planejar a atuação na universidade e à produção de materiais didáticos para as aulas de alunos em diferentes níveis de ensino.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O homem constitui-se de linguagem e, dependendo da civilização na qual está inserido, de determinada língua. Dessa forma, a língua se configura em algo muito além de



uma forma de comunicação: uma identidade, pois é através dela que desde o nascimento inserimo-nos na sociedade vigente e, aos poucos, começamos a fazer parte da cultura. Por isso, quando falamos em Língua, não abordamos somente um código linguístico baseado em uma simples decodificação, mas em um signo linguístico, formado por um significante e um significado (SAUSSURE, 1857), que foi formado a partir de uma História e só tem poder de significação a partir de um contexto social, étnico, histórico e cultural. Assim, aprender uma língua muito mais do que se comunicar é se identificar, e só é possível quando o falante enxerga-se na cultura à qual a língua pertence.

Se, para falantes que aprendem a norma padrão, uma modalidade distinta daquela cotidiana (o vernáculo), já se prevê um trabalho cognitivo e experiencial enorme, conseguir “se fazer ouvido” (compreendido) em outra língua é tarefa bastante complexa – especialmente se as línguas (de partida e alvo) não compartilham traços ou semelhanças (BARROS, 2021, p.9).

Assim, aprendizagem de línguas depende de fatores sociais, étnicos, culturais, de políticas linguísticas e inclusive da família em que a língua a se aprender pertence: por exemplo, sabemos que, em termos de léxico, um falante nativo da língua espanhola terá mais facilidade em aprender fluentemente o português do que o inglês, isto porque português e espanhol (histórica e socialmente) constituíram-se em línguas de uma mesma família linguística, com certas similaridades.

O ensino de Português como língua estrangeira e/ou adicional, assim, pode ser considerado e abordado por diversos vieses: seja comunicativo ou textual, vai sempre depender do motivo pelo qual o falante está aprendendo a língua (se o falante é refugiado, estudante ou imigrante), de que família linguística sua língua materna pertence (de onde esse falante vem) e dos objetivos da aprendizagem (comunicação, estudo, escrita, qualificação profissional.).

A partir dessas considerações, destacamos a experiência do projeto de extensão Português como Língua Adicional (PLA) da Unijuí, cujo objetivo é oferecer um ensino de língua portuguesa a estudantes intercambistas, visando a internacionalização da Universidade e a integração dos educandos. Buscando atender à demanda de acolher e auxiliar os alunos estrangeiros estudantes da Unijuí foram ofertadas duas turmas de português. Uma voltada para o ensino inicial da língua, e a outra contemplando os alunos de nível intermediário.

O projeto de extensão, orientado por uma professora do curso de Letras e acompanhado de perto por outras três docentes e duas bolsistas, organizou-se a partir de



encontros semanais de pesquisa, estudo e orientação, bem como produção de materiais didáticos e as aulas propriamente ditas. Atualmente o projeto conta com 7 alunos, e as aulas são realizadas semanalmente de forma on-line.

Para as aulas, utilizamos o material didático *Portas Abertas- Português* para imigrantes um livro didático e pedagógico voltado para o ensino de língua portuguesa dividido entre os níveis iniciante e intermediário, o qual busca um ensino de língua portuguesa numa perspectiva de língua viva, considerando seu uso e privilegiando os aspectos comunicativos, a partir de textos de diversos gêneros textuais e atividades voltadas a situações possíveis no cotidiano de imigrantes e/ou pessoas que terão que utilizar a língua em um contexto comunicativo. Esse material foi publicado e disponibilizado ainda em 2021.

Com essa experiência, percebemos algumas fragilidades e potencialidades da proposta. Ao sabermos que um ensino de língua acontece a partir de habilidades de leitura, escrita, escuta e fala, compreendemos que os materiais didáticos ainda são um pouco escassos, voltando-se ainda para um viés temático de refugiados e imigrantes, muitas vezes não considerando a Língua Portuguesa como uma língua adicional, mas como uma língua estrangeira de refúgio e imigração. Assim, entendemos como necessárias tanto a produção de materiais didáticos como uma formação direcionada para professores da área, a fim de ampliar e possibilitar investimentos em políticas linguísticas voltadas à essa área.

Por Políticas Linguísticas, por sua vez, entendemos:

o conjunto de decisões que um grupo de poder, sobretudo um Estado [...] toma sobre o lugar e a forma das línguas na sociedade, e a implementação destas decisões. Planificação linguística são propostas para modificar a realidade linguística – do status de uma língua em relação a outra, ou de aspectos da sua forma – e se referem ao futuro da relação entre as línguas. Um processo de planificação linguística posta em marcha passa a ser uma política linguística” (p. 38, grifos no original) (OLIVEIRA apud CARVALHO p. 462, 2012).

Considerando essa definição, entendemos a necessidade de uma maior discussão sobre políticas linguísticas, isto é, maior posicionamento do Estado na proposta de intervenção e ensino de Língua Portuguesa como língua adicional e estrangeira, uma vez que isso direcionaria as pesquisas na área, incentivando a produção de material didático, a formação de professores e uma compreensão ainda mais científica da aprendizagem de uma língua. Isso se faz necessário, uma vez que a linguagem possibilita a inserção social do sujeito e permite que o mesmo seja inserido nas mais diversas esferas da vida pública.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das discussões apresentadas e a experiência com o projeto de extensão Português como Língua Adicional (PLA), bem como o manuseio do material didático proposto, a produção de outros e as concepções do ensino de línguas, reiteramos que as políticas linguísticas mencionadas devem contemplar pesquisa aprofundada sobre o tema e as diversas realidades, eixos e objetivos do ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa. Esse aprofundamento é essencial, pois essas Políticas Linguísticas ocasionariam, a partir da pesquisa, uma implantação mais articulada e qualificada no que tange à formação de professores, a problematização desse viés de ensino nos cursos de Letras-Português específicos e principalmente na produção de materiais que tragam o viés da língua viva a partir das quatro habilidades do ensino de língua: escrita, leitura, fala e escuta, considerando a realidade do educando, seus objetivos de aprendizagem e a língua portuguesa como uma língua legítima, possibilidade de abertura para muitas realidades e diversidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Ângela Batista, FURTOSO, Viviane Bagio. **Ensino de Português para falantes de outras línguas: múltiplas realidades, múltiplas necessidades.** SCRIPTA, v. 25, n. 53, p. 8-42, 1º quadrimestre de 2021

CARVALHO, Simone da Costa. **Políticas de promoção internacional de Língua Portuguesa: Ações na América Latina.** Trab. Ling. Aplic., Campinas, n(51.2): 459-484, jul./dez. 2012.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** Novo Hamburgo: Feevale, 2013

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 2008. 1. Português para imigrantes. 2. Língua Portuguesa – Estudo e ensino. 3. Imigrantes – Brasil. I. São Paulo (SP). Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania. II. Título. III. Coleção.